

***AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL:* IMPLÍCITOS E EFEITOS DE SENTIDO EM QUADRINHOS**

Maire Josiane Fontana¹
Jaqueline Aparecida Slongo Schuster²

RESUMO: Este estudo busca fazer uma análise da contribuição dos implícitos para a construção de sentidos em textos em quadrinhos do autor Luis Fernando Verissimo, da obra *Aventuras da Família Brasil*, bem como mostrar a relevância do domínio das concepções de pressupostos e subentendidos no processo da leitura como ferramentas para o entendimento dos mais diversos textos. Por meio de análise textual, buscar-se-á identificar efeitos de sentido, tais como ambiguidades e ironias, gerados por meio do emprego de informações implícitas. Além disso, investigar-se-á a relação entre esses efeitos e as temáticas abordadas nos textos selecionados. Este estudo está ancorado nos pressupostos teóricos de Fiorin & Savioli (2003), que apresenta a necessidade de os implícitos estarem marcados no enunciado ou situação de comunicação para serem percebidos, e de Marcuschi (2002 e 2008) e Bakhtin (2011), quanto à definição e esclarecimento de gêneros textuais.

Palavras-chave: efeitos de sentido; implícitos; leitura.

***AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL:* IMPLIED AND EFFECTS OF DIRECTION IN COMICS**

ABSTRACT: This paper aims to analyze the contribution of the implicit for the construction of meaning in the texts in comics of the author Luis Fernando Verissimo, in the work *Aventuras da Família Brasil*, as well as to show the relevance of the mastery of assumptions conceptions and implied in the reading process as tools for understanding the most diverse texts. Through textual analysis, it will seek to identify effects of meaning, such as ambiguities and ironies, generated through the use of implicit information. Besides that, it will investigate the relationship between these effects and the themes addressed in the selected texts. This paper is anchored in the theoretical assumptions of Fiorin & Savioli (2003), which present the need of the implicit to be marked in the statement or communication situation to be perceived, and of Marcuschi (2002 and 2008) and Bakhtin (2011), as to the definition and clarification of textual genres.

Keywords: meaning effects; implicit; reading.

2. Introdução

Os textos humorísticos se oferecem como um excelente objeto de estudo e desvendamento de estratégias de construção de sentidos utilizadas nos mais variados gêneros

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

² Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). jaquelineslongo@gmail.com.

textuais. Levando em conta que os sentidos muitas vezes não se encontram na superfície do texto, mas se constroem por meio de elementos nele expressos (o dito) bem como por meio dos presentes em sua estrutura profunda (o não dito), o estudo dos implícitos apresenta fundamental importância no sentido de contribuir para a formação de leitores competentes e autônomos.

Dessa forma, espera-se, por meio desta pesquisa, analisar a contribuição das informações implícitas para a construção dos sentidos dos textos em quadrinhos de Luís Fernando Veríssimo, da obra *Aventuras da Família Brasil*, mais especificamente, identificar os efeitos de sentido gerados pelo emprego dos implícitos em tal gênero textual. Busca-se, ainda, verificar a relação entre as temáticas abordadas e os efeitos de sentido nelas produzidos por meio dos implícitos.

Para desenvolver o trabalho de modo claro e sistemático, inicialmente expõe-se a noção de texto, de gênero textual e de implícitos, com vistas a contribuir para a posterior análise do *corpus*. Finalmente, as considerações finais procurarão abordar, de forma breve, as constatações gerais acerca do trabalho realizado, enfatizando os resultados obtidos por meio das análises.

2. O dito e o não dito no texto

Pode-se dizer que a palavra “texto” é familiar às pessoas, principalmente às que estão ligadas à prática escolar. Apesar de ser uma palavra de uso comum, seu conceito não é tão simples, até mesmo para quem é acostumado a colocá-lo com frequência.

É indispensável ressaltar que o texto não é um amontoado de frases, pois não basta colocá-las umas após as outras. Elas devem estar relacionadas entre si. De acordo com Fiorin e Savioli “[...] o texto é um tecido, uma estrutura construída de tal modo que as frases não têm significado autônomo: num texto, o sentido de uma frase é dado pela correlação que ela mantém com as demais” (2003, p. 14).

Quando o leitor entra em contato com o texto, a maior dificuldade é encontrar a unidade existente dentre tantos significados. A primeira impressão pode até ser de caos, mas na verdade existe, sim, uma ordem. Para garanti-la, dois fatores apresentam grande importância: a coerência e a coesão.

Um texto será coerente quando nele não houver nada ilógico, desconexo, contraditório; quando suas partes mantiverem compatibilidade de sentido umas em relação às outras. Já a coesão é a ligação das frases ou orações do texto por elementos que garantem sua concatenação

ou retomam o que foi dito.

Destaca-se que um texto não precisa ser necessariamente verbal. Uma pintura, um filme, uma história em quadrinhos, um gesto, são textos. E qualquer que seja a forma como o conteúdo se manifesta (visualmente, verbalmente, visual e verbalmente ao mesmo tempo), o texto tem um início e um fim, sendo que antes do começo e do término, há dois espaços de não sentido, dois brancos.

Essa ideia é apresentada por Fiorin e Savioli (1995), quando afirmam que “um texto é um todo organizado de sentido, delimitado por dois brancos, que manifesta um ponto de vista social sobre dada questão” (p. 11). Conforme os autores, no texto verbal escrito, esse branco é o espaço que o delimita; no caso do texto falado, refere-se ao silêncio que precede o momento de tomar a palavra e que segue a seu término; no texto visual e verbal do cinema, é o momento em que se apagam as luzes e o termo fim; e no texto auditivo não verbal de uma sinfonia, observa-se a delimitação por “dois brancos” no instante em que o maestro levanta e abaixa a batuta.

Não se pode deixar de considerar, também, que o texto está diretamente relacionado ao momento histórico em que foi produzido. Não se quer dizer com isso que ele narra fatos históricos, mas que mostra os ideais, os desejos, os medos de um povo em uma determinada época de sua história. Afinal, o autor do texto utiliza as ideias de seu tempo, bem como da sociedade em que vive. Assim, para que se possa entender o verdadeiro sentido de um texto, é necessário conhecer as concepções sociais existentes na época em que ele foi escrito, a fim de evitar interpretações equivocadas.

É importante salientar, ainda, que os textos materializam-se em situações comunicativas recorrentes, ou seja, inserem-se nos mais variados gêneros textuais. Deve-se ter cuidado, porém, para não confundir gênero e tipo de texto.

De acordo com Marcuschi (2002, p. 25), a expressão tipo textual refere-se à natureza linguística de sua composição, isto é, aos aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais etc. Os tipos textuais compreendem um conjunto limitado de categorias conhecidas como narração, descrição, exposição, argumentação e injunção. Os gêneros textuais, por sua vez, constituem textos materializados, encontrados e utilizados na vida diária, e apresentam características sociocomunicativas determinadas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composições característicos. Como exemplos, pode-se citar textos como telefonema, *e-mail*, bula de remédio, resenha, piada, entre outros.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Assim, é impossível falar em gêneros desvinculando-os do seu papel social e das suas relações com as atividades humanas.

Bakhtin (2011) apresenta os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” e assevera sobre a infinitude de sua riqueza e diversidade, pois “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (p. 262).

É por meio da prática comunicativa que ocorre a assimilação e a interiorização dos gêneros textuais para quem é usuário da língua, servindo, depois, como modelo de comunicação. Dessa forma, pode-se afirmar que os gêneros textuais baseiam-se em critérios sócio-comunicativo-discursivos, isto é, são determinados com base nos objetivos dos falantes nas mais diversas situações de comunicação.

Essa definição apresenta particular importância para este trabalho, considerando-se que as escolhas feitas pelo enunciador em um texto dependem de seus propósitos. Assim, isso deve ser levado em conta por ocasião das análises textuais, já que, ao apresentar informações de modo implícito, o enunciador pretende produzir determinados efeitos de sentido.

Observa-se que, em todos os textos, algumas informações são narradas explicitamente, ao passo que outras o são implicitamente. Isso acontece porque, a cada dia, é negado o direito de dizer o que se pensa ou o que se quer, já que se corre o risco de ser punido ou marginalizado pela sociedade. Dessa forma, os sentidos não literais apresentam-se como uma opção para não ofender, humilhar, estabelecer confrontos, ou correr o risco de perder a credibilidade perante o interlocutor.

[...] tudo aquilo que se diz, de forma explícita no discurso, pode se constituir em matéria de controvérsias, de objeções a serem feitas pelo interlocutor. E, deste modo, o locutor corre o risco de ser alvo de questões polêmicas que se instauram através da transparência do material linguístico. (ZANDWAIS, 2003, p. 12)

Já em relação àquilo que se diz de forma implícita, o risco é menor no que se refere às responsabilidades sobre o que se falou, pois só se contradiz aquilo que foi dito.

Segundo Fiorin & Savioli (2003, p. 181), para que se percebam os implícitos, eles precisam estar marcados no enunciado ou na situação de comunicação. Dessa distinção decorre a divisão dos implícitos em pressupostos e subentendidos.

Pode-se dizer que os pressupostos são ideias não manifestadas de maneira explícita, que derivam do sentido de algumas palavras ou até mesmo de algumas expressões que estão na frase. Nessa perspectiva, pode-se dizer que as principais marcas linguísticas da pressuposição são: os adjetivos ou palavras semelhantes; os verbos que determinam a permanência ou mudança de estado (como parecer, continuar, começar, cessar, iniciar, principiar, parar, vir, fechar, sair, ganhar, perder); verbos que deixam claro um ponto de vista segundo o que seu complemento quer dizer (como imaginar, presumir, pretender, alegar, supor); certos advérbios (como mais, já, ainda, agora); as orações adjetivas, que são divididas em restritivas e explicativas – sendo que as primeiras pressupõem que dada informação só diz respeito a um dos elementos do conjunto, enquanto que as segundas deixam implícita a totalidade dos elementos; certas conjunções.

O emprego de pressupostos revela-se uma estratégia argumentativa, já que, ao introduzir um assunto na forma de pressuposto, o ouvinte é transformado em cúmplice, uma vez que a ideia que foi colocada implicitamente no texto não é posta em discussão, ela simplesmente é colocada como se fosse aceita por todos.

De acordo com Fiorin & Savioli (2003), “pressuposto é uma informação estabelecida como discutível tanto para o falante quanto para o ouvinte [...]. Ele pode ser negado, mas o falante coloca-o de maneira implícita para que não o seja” (p. 310). Desse modo, pode-se dizer que o que está pressuposto no texto torna o ouvinte prisioneiro daquilo que o falante montou. Este é um fato que pode ser facilmente percebido quando as verdades ditas incontestáveis aparecem na base de muitos discursos de nossos políticos. “[...] assim como as enunciações de sentenças jurídicas, impostas pela lei, provocam efeitos na vida dos cidadãos, também a presença de pressupostos no interior dos enunciados impõe aos ouvintes/leitores significados que esses não escolhem ou podem modificar” (DUCROT, *apud* ZANDWAIS, 2003, p. 23). Quando um interlocutor não entende os pressupostos de uma fala, este pode ser facilmente manipulado pelo locutor.

Contestar a existência de pressupostos é impedir a continuação de qualquer debate. Apenas sua aceitação faz com que ele tenha continuidade, uma vez que não existe discussão quando os locutores se fundamentam em pressupostos diferentes.

Os subentendidos, por sua vez, são “advertências disfarçadas ou indiretas” (LUFT,

2001, p. 393), as quais não são marcadas na linguagem. É importante salientar que o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, uma vez que o falante pode se esconder atrás do sentido de certas palavras e até negar que tenha dito o que o ouvinte entendeu das palavras que porventura ele tenha dito.

O subentendido, na maioria das vezes, é usado pelo falante como proteção, ou seja, para poder transmitir a informação que deseja ou que quer que seja de conhecimento de outros sem se comprometer. Portanto, “o subentendido diz sem dizer, sugere, mas não diz” (FIORIN & SAVIOLI, 2003, p. 311).

Entende-se, a partir disso, a necessidade de levar o aluno a um nível de leitura que lhe proporcione ler o que não está explícito, sendo capaz de inferir informações a partir do contexto dado pelo texto, com o objetivo de formar um leitor consciente e crítico, competente para ler nas entrelinhas, aquilo que não foi dito, mas que é relevante para a interpretação do texto.

Metodologia de análise

Este estudo de caráter exploratório apresenta como *corpus* textos em quadrinhos da obra *Aventuras da Família Brasil*, do autor Luís Fernando Veríssimo. Busca-se, por meio de análise, examinar os elementos implícitos que constituem os textos em questão, explicitando os efeitos de sentido que deles resultam.

Por trás dos textos: explorando os implícitos

O presente estudo selecionou quadrinhos de Luís Fernando Veríssimo, reunidos em um álbum intitulado *Aventuras da Família Brasil*. Considerando que a apreensão de conteúdos implícitos depende tanto de elementos linguísticos como de conhecimento de mundo, torna-se relevante apresentar alguns detalhes sobre a obra, tendo em vista a compreensão global dos textos.

Como o próprio nome sugere, a Família Brasil revela-se uma metáfora da família brasileira, em especial a de classe média. Composta por um pai trabalhador, uma mãe dona de casa, uma filha mais velha, um filho adolescente, um neto pequeno, uma neta de colo, essa família vive as mais diversas, e complicadas, situações cotidianas: problemas financeiros, conversas constrangedoras, entendimentos, desentendimentos.

O primeiro texto selecionado retrata uma situação em que o filho está apaixonado pela

professora, não sendo a primeira vez que isso acontece.



Figura 1

Fonte: *Aventuras da Família Brasil* / Luís Fernando Veríssimo

Tal informação fica pressuposta e é percebida por meio da expressão “de novo”, utilizada pela mãe. Logo após, verifica-se, pelas palavras do pai, que este ainda se lembra de sua segunda professora, descrevendo várias características físicas dela. Tal procedimento acaba contrariando, de modo subentendido, sua afirmação anterior, a de que “isso passa”. Dessa forma, a informação subentendida atua como mecanismo de construção do humor.

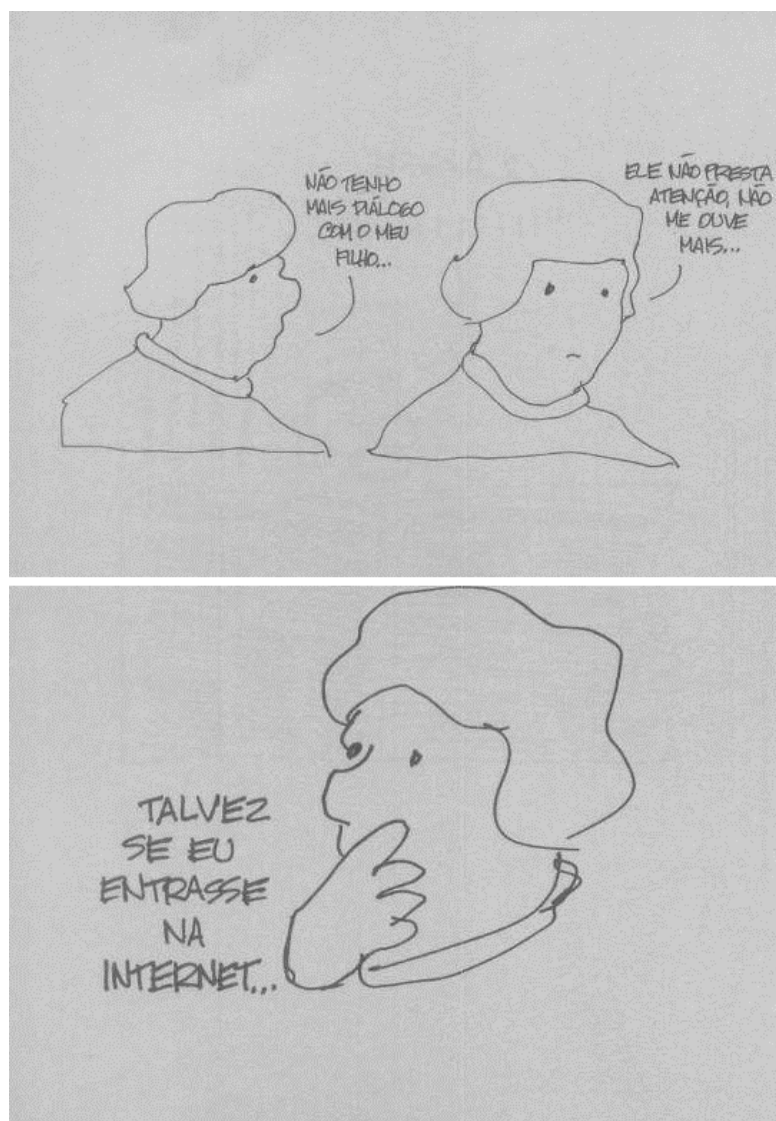


Figura 2

Fonte: *Aventuras da Família Brasil* / Luís Fernando Veríssimo

Na figura 2, observa-se a grande preocupação, demonstrada pela mãe com relação ao filho, devido à falta de diálogo entre os dois. Por meio da palavra “mais”, percebe-se o pressuposto de que, outrora, a situação era outra, ou seja, havia diálogo, o filho a ouvia. Quando a mãe tem a ideia de entrar na internet, fica subentendida a razão do problema: o excessivo dispêndio de tempo, por parte do jovem, em atividades na rede mundial de computadores. Percebe-se também, por meio do advérbio de dúvida “talvez”, o pressuposto de que, mesmo entrando na internet, não existe a certeza da retomada do diálogo familiar.



Figura 3

Fonte: *Aventuras da Família Brasil* / Luis Fernando Verissimo

No terceiro texto, percebe-se que o filho lê, no jornal, alguma matéria que envolve classes sociais e questiona o pai, que também está lendo o jornal, sobre a qual classe social eles pertenceriam. Pela resposta do pai: “classe ‘IIIIHHH’...”, fica subentendido que a família não é nem classe A, nem B, nem C e, sim, muito mais baixa que isso (considerando que o “i” está numa posição bem posterior às letras citadas). Para depreensão desse implícito é necessário considerar, também, o valor semântico da interjeição “ih”, a qual, normalmente, indica descontentamento, medo, espanto, ironia.



Figura 4

Fonte: *Aventuras da Família Brasil* / Luis Fernando Verissimo

Como se pode observar na figura 4, o filho pergunta ao pai: “Transar, no seu tempo, era como hoje?” Em resposta ao filho, o pai diz: “É um pouco como a música: os instrumentos eram os mesmos, mas se fazia menos barulho”. Ao fazer essa afirmação, o pai deixa subentendido que, antigamente, procurava-se ser mais discreto, ao contrário dos dias de hoje, em que se perdeu a vergonha, não se tem mais “medo” de escândalos. Tal informação é apresentada, de modo implícito, por meio de uma metáfora.



Figura 5

Fonte: *Aventuras da Família Brasil* / Luis Fernando Verissimo

A quinta imagem constrói o humor por meio de informações implícitas apresentadas por uma metáfora. Pode-se perceber isso quando o filho, diante da afirmação do pai de que não lhe deu a mesada porque teve que pagar uns compromissos fora, diz: “A dívida interna ‘sempre’ em segundo plano”. Essa resposta do filho estabelece uma metáfora entre a atitude do pai e a do Brasil: ambos pagam, primeiramente, a dívida externa. O advérbio “sempre” ainda traz o pressuposto de que nunca tal situação se altera.

Conforme se pôde evidenciar, em todos os textos analisados, as informações implícitas revelam-se um fator importante, e até decisivo, na produção do humor. Por meio delas é possível constituir ambiguidades, ironias, metáforas. Além disso, elas podem apresentar caráter

argumentativo, auxiliando na defesa de um determinado ponto de vista do enunciador, bem como lhe servindo como proteção. Nesse caso, produz no texto o efeito de sentido de descomprometimento. Tal efeito, na análise do *corpus*, foi observado em textos que tratam de assuntos como economia e sexo, o que evidencia certa relação entre esse efeito de sentido e os temas abordados, relação esta facilmente explicável pelo fato de que só há necessidade de proteção quando existe ameaça, o que ocorre na apresentação de um ponto de vista sobre temas polêmicos.

Considerações finais

Dada a problemática que ainda se mantém no ensino da leitura, este estudo permitiu compreender a necessidade do conhecimento da definição e aplicabilidade de elementos implícitos em textos, de gêneros textuais diversos, na medida em que permite ir além da superfície do texto.

Se a função docente é formar leitores críticos e proficientes, faz-se necessário tornar os alunos capazes de ler nas entrelinhas e fazer as inferências necessárias para a devida compreensão textual, levando-os a percorrer dois níveis de profundidade no processo de interpretação: o explícito e o implícito.

Entende-se que as informações implícitas revelam-se um fator importante e até decisivo na produção dos sentidos em um texto. Entretanto, não se pode deixar de frisar que a apreensão de tais informações depende do conhecimento sistêmico do leitor (nos níveis lexical, sintático e semântico) ao qual se acrescenta o conhecimento pragmático (conhecimento de mundo, percepção das intenções do enunciador). Dessa forma, o estudo de todos esses aspectos, nas aulas de língua materna, pode contribuir muito para a formação de leitores competentes e autônomos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6ª. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Manual do candidato: português*. Brasília: FUNAG, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. 295 p.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. Et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Aventuras da Família Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZANDWAIS, Ana. *Estratégias de leitura: como decodificar sentidos não literais na linguagem verbal*. Porto Alegre: Sagra, 1990.

Recebido em: 28/01/2016

Aceito em: 10/12/2016